

Extensão rural e seu percurso no Brasil

Daviane Martinele COSTA¹; Henrique José Guimarães Moreira Maluf²; Marlon Martins MORAES³; Rafael Bastos TEIXEIRA⁴; Romilda Aparecida Bastos Monteiro ARAÚJO⁴

¹Zootecnista graduada no IFMG – *campus* Bambuí

²Mestrando em Solos e Nutrição de Plantas – Universidade Federal de Viçosa

³Graduando em Zootecnia pelo IFMG – Campus Bambuí e bolsista do PIBEX

⁴Docentes do IFMG – *campus* Bambuí
Bambuí – MG - Brasil

RESUMO

Para os acadêmicos, a extensão é importante uma vez que ela representa uma oportunidade para os estudantes colocarem em prática o que aprendem nas salas de aula, além disso, através dela os futuros profissionais aprendem a lidar com situações que possivelmente irão encontrar no mercado de trabalho. Muito se fala sobre extensão rural no Brasil, direta ou indiretamente instituições de ensino, empresas públicas e privadas disponibilizam tecnologias e conhecimentos aos produtores rurais. Contudo, a assistência técnica aos produtores rurais deve ser diferenciada, com base no nível tecnológico de cada um. Aos pequenos produtores, deve se trabalhar com a subsistência e agricultura familiar onde tecnologias simples podem viabilizar a produção agrícola. Essa nova visão de desenvolvimento rural contrapõe-se à visão tradicional de emprego da tecnologia no campo, herdada da "revolução verde", que se caracteriza pelo uso de maquinário altamente sofisticado, monoculturas que ocupam áreas gigantescas, elevado uso de insumos, forte impacto ambiental e exclusão dos pequenos produtores. Assim, o objetivo deste trabalho é discorrer sobre a extensão rural, bem como expor relatos sobre seu surgimento no Brasil.

Palavras-chave: assistência técnica, produtores rurais, universitários.

INTRODUÇÃO

Sendo um dos três pilares na educação universitária mundial, a extensão universitária tem como objetivo levar para as populações em geral os avanços e descobertas do mundo científico de forma clara e objetiva, no contato direto dos educadores com os educandos. Trata - se de um processo educativo extracurricular podendo promover o desenvolvimento regional através da participação ativa da comunidade na construção e divulgação de novas tecnologias e ações (GODOY, et.al. 2010)

O termo extensão rural teve origem na atividade praticada pelas universidades inglesas na segunda metade do século XIX. No início do século XX, a criação do serviço cooperativo de

IV Semana de Ciência e Tecnologia IFMG - campus Bambuí
IV Jornada Científica
06 a 09 de Dezembro de 2011

extensão rural dos Estados Unidos, estruturado com a participação de universidades americanas, conhecidas como land-grant colleges (faculdades conhecendo a terra), consolidou naquele país, pela primeira vez na História, uma forma institucionalizada de extensão rural (JONES; GARFORTH, 1997)

No Brasil, a extensão rural nasceu sob o comando do capital, com forte influência norte-americana e visava superar o atraso na agricultura. Para tanto, havia a necessidade de “educar” o povo rural, para que ele passasse a adquirir equipamentos e insumos industrializados necessários à modernização de sua atividade agropecuária, com isso ele passaria do atraso para a “modernidade”. O modelo serviria para que o homem rural entrasse na dinâmica da sociedade de mercado, produzindo mais, com melhor qualidade e maior rendimento (LISITA, 2005).

Neste contexto, foi imposta uma extensão rural sem considerações ao produtor, e sim a quem estava impondo, num modelo exclusivamente seguido pelos aspectos técnicos da produção, onde não foram respeitados os objetivos, as questões culturais, sociais ou ambientais, nem mesmo a considerar as experiências e os objetivos das pessoas atendidas.

O presente trabalho tem o objetivo de discorrer sobre a extensão rural, bem como expor relatos sobre seu surgimento no Brasil, até os tempos atuais.

EXTENSÃO RURAL

O setor agrário do Brasil é contrastante, além de diversidades físicas como relevo, solo, clima etc, há também grandes diferenças sociais. As condições de vida no campo constituíram fortes mecanismos de expulsão de pequenos agricultores de suas terras, 2,5 milhões de famílias no meio rural tem alta propensão de migrarem para centros urbanos. Neste universo, enquadram-se os chamados pequenos produtores que são reprovados por sua suposta incapacidade de produção em escala (PRADO, 1999).

Porém, estes pequenos produtores são responsáveis por grande parte da produção agrícola no país e merecem atenção perante projetos e investimentos. Segundo Peixoto (1998), apesar da expansão dos complexos agro-industriais na economia brasileira a pequena produção ainda apresenta uma expressiva participação na produção de alimentos e matérias-primas industriais, e, o que é mais importante, na geração de empregos no campo. Martine (1991) acrescenta ainda, que as pequenas propriedades são responsáveis por 69% dos empregos gerados no campo.

A extensão rural universitária, por meio da assistência técnica, é um excelente veículo para levar aos produtores, soluções com base na viabilidade técnica, econômica e ambiental, sob o ponto de vista da sustentabilidade e das práticas agroecológicas.

IV Semana de Ciência e Tecnologia IFMG - campus Bambuí
IV Jornada Científica
06 a 09 de Dezembro de 2011

O termo extensão rural não é auto-explicativo. Desde a implantação do modelo cooperativo de extensão americano foram muitas as iniciativas de conceituação de extensão rural. Existem três modelos para interpretar a extensão: como processo, como instituição e como política (PEIXOTO, 2008).

Como processo, num sentido amplo e atualmente mais aceito, extensão rural pode ser entendida como um processo educativo de comunicação, de conhecimentos de qualquer natureza, sejam conhecimentos técnicos ou não. Assim, por ter um caráter educativo é que o serviço de extensão rural é, normalmente, desempenhado pelas instituições públicas de Ater - Apoio a projetos de Assistência Técnica e Extensão Rural, organizações não governamentais, e cooperativas, mas que também prestam assistência técnica. (PEIXOTO, 2008)

Segundo este mesmo autor, as empresas particulares, das quais tem-se agroindústrias produtoras de insumos e equipamentos, as revendas agropecuárias em geral, prestam serviços de assistência técnica, através de suas atividades de vendas e pós-vendas. Portanto, seu público alvo é composto, em geral, por médios a grandes produtores rurais, mais tecnificados e capitalizados. Para essa categoria de produção rural não se justifica a intervenção pública da extensão rural.

Como instituição ou organização, “a extensão rural” refere-se às organizações estatais dos estados, prestadoras dos serviços de Ater. É entendida, neste caso, como a instituição, entidade ou organização pública prestadora de serviços de Ater nos estados. Também pode ser entendida no âmbito político, com as políticas de extensão rural, traçadas pelos governos tanto federal, estaduais ou municipais que podem ser executadas por organizações públicas e/ou privadas. No Brasil privilegiou-se, ao longo do tempo, o modelo público e gratuito, hoje direcionado prioritariamente para os agricultores familiares e exercido pelas instituições estaduais de Ater (PEIXOTO, 2008).

CAMINHOS DA EXTENSÃO RURAL NO BRASIL

No Brasil, a extensão rural iniciou-se com a fundação da ACAR - Associação de Crédito e Assistência Rural, através de um convênio firmado entre a AIA - American International Association for Economic and Social Development e o governo de Minas Gerais. Em meados de 1950, o empresário norte-americano John Davison Rockefeller percebia com clareza a necessidade de aumentar a produção agrícola no Brasil. Como presidente da AIA, uma organização filantrópica e sem fins lucrativos, efetivou uma proposta, definindo os princípios para as ações a serem praticadas pela ACAR, sendo elas: crédito rural supervisionado e assistência técnica. O governo Mineiro já havia elaborado um plano cujo objetivo fundamental era estancar o êxodo rural, o que acordava integralmente com as propostas de Rockefeller (PRADO, 2002).

IV Semana de Ciência e Tecnologia IFMG - campus Bambuí
IV Jornada Científica
06 a 09 de Dezembro de 2011

Ribeiro (2000), um pioneiro da ACAR, cita uma hipótese que havia influenciado na escolha de Rockefeller por Minas Gerais, segundo ele, o engenheiro agrônomo Antônio S. S. José, criador da Agroceres, empresa do grupo Rockefeller produtora de milho híbrido que na época tinha uma unidade produtora em Ubá, na Zona da Mata Mineira, foi quem provavelmente influenciou na escolha do estado para iniciar o programa de crédito supervisionado.

A ACAR, por sua vez, firmou convênios com a Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais e posteriormente com o Banco do Brasil, assegurando assim, as fontes de concessão do crédito rural aos produtores a serem assistidos. Porém, os agricultores, familiares e trabalhadores foram totalmente excluídos de qualquer amparo do Estado (PRADO, 2002). O modelo se expandiu para quase todas as unidades federais, como pode ser observado no Quadro 1.

Ano	Fundação da ACAR para cada estado do Brasil
1954	ANCAR (CE, PE, BA)
1956	ABCAR, ACARESC
1958	ACAR-RJ
1959	ACAR-GO, ACARPA
1962	Transformação dos programas estaduais da ANCAR em associações autônomas
1963	ANCARs: autonomia de RN, AL, MA e BA
1964	ANCARs: autonomia de PE, PB e CE
1965	ACAR-Pará, ACAR-MT
1967	ACAR-DF
1974	ACAR-AP

Quadro 1 - Evolução do Sistema Brasileiro de Extensão Rural – 1954 á 1974

Fonte: Adaptado de PEIXOTO (2008)

Em 1956, foi criado o Sistema Brasileiro de Extensão Rural, liderado pela Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). A partir de 1975, os serviços de assistência técnica e extensão rural passaram ao âmbito governamental, sob a forma de empresas públicas vinculadas ao Ministério da Agricultura e às Secretarias de Agricultura, foi criada então a EMBRATER- Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural, responsável pelo credenciamento, supervisão e fiscalização das empresas privadas que prestam assistência técnica aos agricultores em todo Brasil (EMPAER, 2010).

A Embrater foi definitivamente extinta em 1990, no primeiro dia do governo Collor, junto com outras estatais. Desta vez o setor extensionista não conseguiu articular-se para reverter a decisão do Governo. Nos anos subsequentes à extinção da Embrater, houve desorganização de todo o sistema oficial de Ater – Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, provocando

IV Semana de Ciência e Tecnologia IFMG - campus Bambuí
IV Jornada Científica
06 a 09 de Dezembro de 2011

nos estados extinções, fusões, mudanças de regime jurídico. Contribuiu para a falta de apoio político a inexistência de indicadores de resultados das ações das instituições estaduais de Ater (PEIXOTO, 2008)

A ATER, mais comumente falada em Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural, hoje é dividida em redes temáticas para atender os diversos ramos da agricultura familiar e suas especialidades, assim tem-se a rede Leite para nutrição, qualidade do leite, gestão, sanidade do rebanho entre outros. Os principais agentes de Ater, voltados para o público da agricultura familiar, são as instituições estaduais, exemplo EMATER – MG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensão rural é um ótimo veículo para troca de conhecimentos, entre extensionistas e produtores. Entender como a extensão rural surgiu no Brasil pode ajudar na melhoria da condução de projetos de assistência técnica no campo, tendo em vista que, produtores capitalizados e bem instalados têm condições de criar as próprias oportunidades de sucesso como meio de redistribuição de renda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JONES, G. E. e GARFORTH, C. The history, development, and future of agricultural extension, Improving agricultural extension - A reference manual. Rome : **Food and Agriculture Organization of the United Nations**, 1997, 316 p. Disponível em: <<http://www.fao.org>> Acesso em: 08 julh. 2011.

MARTINE, G. A Trajetória da Modernização agrícola: a quem beneficia?. Rev. Cult. Pol., n. 23, p.8-36, 1991

PEIXOTO, M. Extensão Rural No Brasil – Uma Abordagem histórica da legislação. Consultoria Legislativa do Senado Federal, Brasília, 2008.

PRADO, E. Marginalização e privilégios: uma contradição das políticas agrárias no Brasil. Cad. Tec. Vet. Zootec., n.30, p.7-28, 2002

RIBEIRO, J.P. A SAGA DA EXTENSÃO RURAL EM MINAS GERAIS. SÃO PAULO: ANNABLUME, 2000. 270p.